

O destaque entre a Palavra e a vida diminui a unidade dos cristãos

Dom Dionísio Lachovicz, OSBM
Bispo titular de Egnatia
Bispo da Cúria de Kiev-Halyc (Ucrânia)

A primeira observação diz respeito à unidade entre a Palavra e o Batismo, e entre estes e a Eucaristia.

O *Instrumentum laboris* diz que “são duas as realidades que unem os cristãos: a Palavra de Deus e o Batismo”. Seria necessário um aprofundamento, porque assim como foi escrito parece uma unidade pela metade. Já que, no número 35, é dito que também existe uma íntima unidade entre a Palavra e a Eucaristia, com o sustento da tradição da Igreja: “*Corpus Christ intelligitur etiam Scriptura Dei*”, ou das palavras de São Jerônimo: “É de fato verdadeiro alimento e verdadeira bebida a Palavra de Deus que se alcança pelo conhecimento das Escrituras”. Também o Concílio Vaticano II afirma que a Palavra e a Eucaristia são “um só ato de culto” (*Sacrosanctum concilium* 56).

Resumindo, afirma-se a íntima unidade entre Palavra e Batismo como também entre Palavra e Eucaristia.

Vistas deste modo, torna-se difícil a compreensão do ponto de vista do ecumenismo: por exemplo, por que não se pode concelebrar o sacramento da Eucaristia como os ortodoxos, quando se pode celebrar com eles o sacramento da Palavra de Deus e ter um comum o Batismo? Se existe esta unidade entre a Palavra, Batismo e Eucaristia, porque negar a comunhão eucarística?

Por outro lado, a mesma lógica de unidade – mas ao contrário – como disse um arcebispo ortodoxo (Agostino di Lviv, da Comissão Teológica do Patriarcado de Moscovo), quando não existe a comunhão eucarística, não se pode nem sequer celebrar a Palavra juntos, nem rezar o Pai-Nosso como os católicos. Assim com esta lógica, da parte dos ortodoxos, não se admitirá como válido do Batismo dos católicos, como se afirmou nos encontros ecumênicos. E nem sequer é possível chamar-nos “irmãos” uns dos outros.

Uma segunda observação é relativa ao tema “Ecumenismo e Palavra de Deus”: Como podemos ler e comentar a Palavra de Deus com as outras confissões – por exemplo a passagem “para que todos sejam um só” (*Jô 17, 21*) – quando não podemos encarnar esta Palavra? A Palavra torna-se estéril. Quando não és capaz ou não queres encarnar esta Palavra, então porque lê-la? Com efeito, Bento XVI diz que o mundo espera uma “resposta à escuta da Palavra” (*Instrumentum laboris* 54).

Temos a impressão de que tudo aquilo que foi dito sobre o ecumenismo é dito para os outros, para um “terceiro” que no momento em que se fala está ausente. Como se esta Palavra pudesse fazer um milagre. Nós, ao contrário, permanecemos nós mesmos.

Um exemplo: na Ucrânia fizemos uma tradução ecumênica da Bíblia, com a colaboração dos ortodoxos e protestantes, mas não podemos rezar nem celebrar juntamente com eles.

Uma terceira observação. Parece-me que se está a correr o risco de instrumentalizar a Palavra de Deus. Esta pode tornar-se um “instrumento” de discussão, de estudo, de diálogo, de encontro, e também de oração comum, mas permanece superficial, não tem a força para mudar, não leva ao mistério comum da celebração da Palavra, não se transforma em carne (“sarx”), isto é, não encarna na vida da pessoa e da Igreja. Pode-se conhecer de memória toda a Bíblia, mas ao

permanecer fora dela, não sendo alimentado por ela, não ser incorporados em Cristo, não ser batizados em Cristo.

Talvez esta separação entre a Palavra e a vida seja o verdadeiro impedimento para a unidade dos cristãos. As Igrejas preferem as Palavras, mas não dão testemunho à Palavra de Deus com estas palavras. A Palavra talvez seja demasiado "canonizada", esterilizada. E isto impede a diaconia, a koinonia e também a martiria.